

TFE & ISD: um diálogo sobre a atividade da linguagem

Maria Antónia Coutinho

Abstract: This paper aims at deepening the dialogue between two theoretical frameworks: Theory of Enunciative Operations and Sociodiscursive Interactionism. Its purpose is to enable continuation to the approach developed by Campos, 1996. In this regard, the notion of *language activity* in the referred frameworks as well as in other relevant authors will be discussed. Besides, the paper focuses on the literary language activity, using an example for analysis.

1. Introdução

A releitura dos trabalhos de Henriqueta Costa Campos sugere múltiplas hipóteses de trabalho em diálogo. Uma dessas possibilidades é claramente enunciada pela autora, ao perspetivar o plano de um dos seus artigos: «É impossível, neste espaço, propor um panorama detalhado dos estudos sobre enunciação. Irei apenas, a partir das considerações já feitas, e passando por Bally, estabelecer pontos de ruptura ou de continuidade entre Saussure e Antoine Culioli.» (Campos, 1996: 569). Pelo interesse de que esta proposta se reveste, pelo destaque que merece, hoje em dia, a obra (não estandardizada) de Saussure, em particular no quadro teórico e epistemológico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) e pelas inequívocas convergências com o programa de trabalho da Teoria Formal Enunciativa (TFE), estabeleci o percurso das páginas que se seguem a partir da noção de *atividade de linguagem*, tal como, via Campos, 1996, a define Culioli, e em confronto com os pontos de vista de Saussure (2002) e de outros autores tidos como relevantes. De acordo com a temática deste Caderno WGT, passarei depois para o âmbito mais específico da atividade literária (recorrendo a um exemplo).

Ainda que corra o risco de parecer demasiado escolar, optei por fazer ouvir, por vezes longamente, as vozes dos autores convocados¹. Distanciando-me, portanto, de recomendações relativamente consensuais a propósito da redação em contexto académico, as páginas que se seguem devem ser assumidas (lidas, compreendidas) em estilo de homenagem: a Henriqueta Costa Campos, claro (e a autores por ela trabalhados). O resto é apenas parte da minha própria procura, insistentemente interessada em “estabelecer [compreender] pontos de ruptura ou de continuidade”.

2. Sobre a atividade de linguagem

O que se segue não corresponde a uma abordagem aprofundada da noção de *atividade de linguagem* no quadro da TFE e/ou no pensamento de Culioli, mas apenas a um sublinhar do destaque dado, no artigo em causa, pela própria Henriqueta Costa Campos:

« O seu programa de investigação [de Culioli] está sintetizado na definição que apresenta de linguística: "Ciência cujo objectivo é apreender a linguagem através da diversidade das línguas naturais". Mais desenvolvidamente, o objectivo é "reconstituir, por processos teóricos e formais, as noções primitivas, as operações elementares, as regras e esquemas que geram as categorias gramaticais e as configurações específicas de cada língua. Em resumo, o objectivo é encontrar os invariantes que fundam e regulam a actividade da linguagem, em toda a sua riqueza e complexidade" (Culioli 1990:179). » (Campos, 1996: 56).

¹ Manteve-se a ortografia original, nas passagens citadas.

Compreender exatamente em que consiste a “riqueza e complexidade” da atividade da linguagem constituirá, efetivamente, um programa de trabalho intenso e desafiador. Como evidencia a passagem citada, na perspectiva culioliana esse trabalho centra-se na identificação de invariantes – a serem definidos « em termos abstractos, metalinguísticos » (Campos, 1996: 56). Esta definição surge, no artigo de Campos que vimos seguindo, a propósito do confronto entre as propostas de Saussure e de Culioli. Assumindo, sem o problematizar, o clássico binómio saussuriano *langue-parole*, a autora assinala de forma inequívoca a sua não operacionalidade no quadro culioliano: «No modelo de Culioli, não é atribuído estatuto teórico à oposição *langue-parole*.» (Campos, 1996: 56). Esta constatação não impede a autora de sublinhar o que entende serem os pontos de convergência entre os dois autores (de acordo, de resto, com a intenção apresentada desde o início do artigo):

«Comparando Culioli e Saussure, encontramos pontos de ruptura e pontos de aparente continuidade. A divergência já referida quanto ao estatuto teórico da oposição *langue-parole* é claramente um ponto de ruptura. Mas os dois linguistas parecem encontrar-se na definição metateórica do objecto de análise, que, num caso e noutro, se identifica com o objectivo que se pretende atingir: para Saussure, a *langue*, sistema abstracto; para Culioli, a actividade da linguagem, constituída por invariantes definíveis em termos abstractos, metalinguísticos. Trata-se, nos dois casos, de um objecto construído teoricamente, que não pré-existe à análise. » (Campos, 1996: 56).

Mais de vinte anos passados sobre esta análise, parece-nos oportuno prosseguir a procura de rupturas e de convergências – no que diz respeito à noção de *atividade de linguagem*, em função de outros contributos teóricos e epistemológicos, e à noção de *langue*, tal como a podemos hoje (re)ver.

2.1. A atividade de linguagem como reguladora das atividades coletivas

No quadro teórico e epistemológico do ISD, a atividade de linguagem desempenha um papel fundamental enquanto fator regulador das atividades gerais (atividades sociais, coletivas) em que se movimenta e vive a espécie humana. Retomando aqui aspetos já referidos em trabalho anterior (Coutinho, 2016), destaco a formulação de Bronckart (2002: 190):

«Comme le souligne Habermas (1987), celui-ci [le langage verbal] constitue d'abord lui aussi une activité, mais une activité particulière (notion d'*agir communicationnel*) dont la fonction première est de réguler l'activité en général (ou activité non langagière). Il constitue le mécanisme par lequel les humains tentent en permanence d'aboutir à une *entente* sur ce que sont les contextes, les objectifs et les modalités de déroulement d'activités complexes; il commente ces dernières, les planifie, les évalue, etc. ».

Este fator pode ser tido como um dos ingredientes da riqueza e complexidade da atividade da linguagem – e é também possível, a este mesmo propósito, estabelecer mais um ponto de convergência com a perspectiva culioliana. Com efeito, o autor enfatiza claramente o papel dos ajustes na atividade da linguagem:

« (...), cela signifie que l'observation même des phénomènes linguistiques nous contraint à prendre en compte la complexité des faits, leur diversité, leur foisonnement et leur hétérogénéité. Ce constat nous interdit de nous satisfaire d'une conception simplifiée de la communication où cette dernière porterait uniquement sur la transmission linéaire d'une information calibrée dans un milieu neutre et homogène. Il nous faut poser au cœur de l'activité de langage (qu'il s'agisse de représentation ou de régulation) l'ajustement, ce qui implique à la fois

la stabilité et la déformabilité d'objets pris dans des relations dynamiques, la construction de domaines, d'espaces et de champs où les sujets auront le jeu nécessaire à leur activité d'énonciateurs-locuteurs. » (Culioli, 1990: 128-129²).

Apesar da convergência que assim fica sublinhada há também diferenças a assinalar – diferenças essas que podem assumir uma função complementar, do ponto de vista do trabalho a desenvolver (razão pela qual prefiro não as referir como divergências). Assim, apesar de Culioli sublinhar, na passagem citada, a complexidade dos fenômenos linguísticos, na perspectiva do autor os textos correspondem (apenas, diria eu) a configurações de marcadores: « Language, which is meaningful representational activity, is only accessible through text sequences, that is, through patterns of markers which are themselves traces of underlying operations (...) » (Culioli, 1990: 179³). Pelo contrário, na perspectiva do ISD, os textos – orais ou escritos, em papel, em versão digital ou em qualquer outro suporte – não se deixam analisar apenas pela materialidade linguística que os constitui. Eles dependem também – com expressões que importa(rá) compreender e descrever – das atividades gerais em que se realizam e tomam forma:

«Dans l'acception contemporaine du terme, ceux-ci [les textes] désignent tout type de manifestation empirique (orale ou écrite) de l'activité langagière; leur organisation dépend, sous certains aspects, des activités non langagières qu'ils commentent (...)» (Bronckart, 2001: 141).

Este ponto de vista tem necessariamente consequências na forma de entender os objetos de análise – ou, de forma mais ampla, os propósitos de uma área de conhecimento como a linguística. Em primeiro lugar, poderemos dizer que os textos, enquanto representantes empíricos da atividade da linguagem, não podem ser ignorados pela linguística. Simultaneamente, esses mesmos objetos (os textos) envolvem uma componente praxiológica (associada às atividades sociais em que se desenvolvem) que escapa a uma concepção estrita de linguística. Convirá sublinhar que esta componente não se confunde com uma questão pragmática, na linha da teoria dos atos de fala ou da teoria de pertinência. O que fica em causa, é toda a problemática do *agir*, envolvendo por um lado finalidades (de ordem coletiva), por outro intenções e motivações (ao nível das pessoas singulares) – tal como vem sendo desenvolvida no quadro do ISD⁴.

A concluir esta primeira etapa de confronto, poderemos assumir uma distinção entre a TFE e o ISD: enquanto a primeira corresponde a um programa de trabalho em linguística, o segundo perspectiva-se como um quadro epistemológico, que se inscreve na perspectiva de uma ciência do humano. Mas, se invertermos os termos, poderemos dizer que uma ciência do humano precisa de recursos e de instrumentos de trabalho, no âmbito de diferentes áreas de conhecimento – e especificamente no âmbito da linguística. A TFE pode constituir, portanto, um recurso precioso para o trabalho no quadro do ISD.

2.2. Sobre o lugar do social

Na sequência da conclusão enunciada no final do ponto anterior, importa ainda rever a noção de *língua*, na perspectiva saussuriana - e no impacto que a mesma assume no âmbito do ISD.

² O texto original, publicado em *Etudes de Lettres*, data de 1986. A versão aqui citada é a da retoma em Culioli, 1990.

³ O texto original data de 1989.

⁴ Veja-se, a este propósito, Bronckart 2004.

O primeiro aspeto que interessa evidenciar é o facto de não ser sustentável, de forma simples e linear, a clássica oposição entre a *língua*, como fenómeno social, e a *fala*, como fenómeno

individual. Com efeito, em *Ecrits de Linguistique Générale*, Saussure considera uma dupla ancoragem individual e social:

«La conquête de ces dernières années est d’avoir enfin placé non seulement tout ce qui est le langage et la langue à son vrai foyer exclusivement dans le sujet parlant soit comme être humain soit comme être social. » (Saussure, 2002:130).

Este ponto de vista só pode ser compreendido a par da interação dialética e permanente entre *língua* (enquanto estabilização a partir do uso) e *discurso* (enquanto “língua em ação”):

«La langue n’est créée qu’en vue du discours, mais qu’est-ce qui sépare le discours de la langue, ou qu’est-ce qui, à un certain moment, permet de dire que la langue entre en action comme discours ? » (Saussure, 2002: 277).

« (...) toute langue entre d’abord dans notre esprit par le discursif, comme nous l’avons dit, et comme c’est forcé. Mais de même que le son d’un mot, qui est une chose entrée également dans notre for intérieur de cette façon, devient une impression complètement indépendante du discursif, de même notre esprit dégage tout le temps du discursif ce qu’il faut pour ne laisser que le mot. » (Saussure, 2002 : 118).

Posicionamentos como os que acabam de ser citados permitem-nos hoje reconhecer Saussure como um interacionista social. Sem podermos aqui desenvolver todos os princípios que caracterizam este quadro epistemológico, na continuidade do qual se situa o ISD, limitar-nos-emos a evocar o primado do social, inequivocamente postulado por Voloshinov (1977: 319):

«La réalité effective du langage n’est pas un système abstrait de formes linguistiques, ni un énoncé monologique isolé, ni l’acte psycho-physiologique de réalisation de l’énoncé, mais l’événement social de l’interaction verbale, réalisé dans l’énoncé et les énoncés. C’est l’interaction verbale qui constitue, ainsi, la réalité fondamentale du langage. »

É nesta perspetiva que se compreende a conhecida orientação metodológica descendente, preconizada para o estudo da língua por Volochinov (1977 : 137) :

«(...) l’ordre méthodologique pour l’étude de la langue doit être le suivant :

1. Les formes et les types d’interaction verbale en liaison avec les conditions concrètes où celles-ci se réalisent.
2. Les formes des énonciations distinctes, des actes de parole isolés, en liaison étroite avec l’interaction dont ils constituent les éléments, c’est-à-dire les catégories d’actes de parole dans la vie et dans la création idéologique qui se prêtent à une détermination par l’interaction verbale.
3. A partir de là, l’examen des formes de la langue dans leur interprétation linguistique habituelle. »

3. Sobre a atividade literária

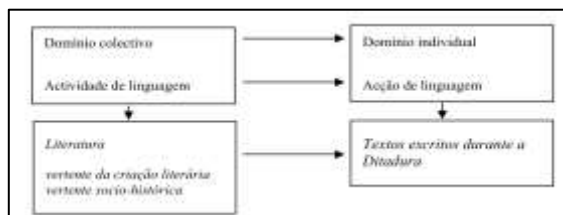
Na sequência do que vem sendo exposto, e de acordo com a temática desta WGT, importa especificar a problemática da atividade de linguagem no contexto específico da atividade literária (enquanto atividade social, ou parte das atividades coletivas que fazem historicamente parte da organização da vida humana).

A questão específica que interessa colocar tem a ver com uma questão que poderemos dizer de rigor conceptual (e/ou terminológico). Assim: que sentido faz falar em “texto literário”? O que é um “texto literário”? Não se trata, como é evidente, de retomar os longos debates, em particular no âmbito do formalismo russo, em torno do que possa ser a literariedade. No entanto, o (pressuposto) carácter literário é o traço que congrega um conjunto de textos ditos “li

terários” – e que pode abarcar tanto textos reconhecidos no cânone de uma dada literatura como outros que a si próprios se designam como tal, independentemente de esse reconhecimento público estar adquirido ou ser (mais ou menos) polémico. Quer isto dizer que aquilo que referimos habitualmente como “texto literário” é um texto produzido e/ou reconhecido no âmbito de uma atividade coletiva historicamente determinada – que, em cada época, tem as suas próprias normas (mais ou menos tácitas), os seus próprios circuitos de formação, reconhecimento e validação. Por outras palavras: a expressão *texto literário* pode (ou deve) ser entendida como forma simplificada do que seria *texto da atividade literária* – ou, em última análise, *género (de texto) da atividade literária*⁵.

Ainda que esta problemática seja ampla e complexa – irreduzível, portanto, a quaisquer exemplos que possam aqui ser usados – arriscarei entrar por essa via, isto é, recorrer a um exemplo para evidenciar a perspetiva descendente atrás referida – e a forma como a atividade pode condicionar a componente linguística do texto.

Recorro, para tal, a um trabalho já publicado – Gonçalves & Teixeira, 2009 – começando por evidenciar a forma como as autoras articulam algumas das questões de que nos temos vindo a ocupar:



Quadro 1: *Relação entre actividade de linguagem e acção de linguagem* (Gonçalves & Teixeira, 2009: 229)

Num segundo momento, limitamo-nos a observar um excerto analisado pelas autoras⁶:

⁵ A este propósito, pode recordar-se a posição defendida por Bronckart & Bulea-Bronckart (2015: 13), assumindo a inadequação de expressões como «género narrativo» ou género argumentativo», uma vez que “que projetam no nível da genericidade propriedades que dizem respeito a níveis de organização infraordenados.». No caso de que nos ocupamos (“texto literário”) projeta-se sobre o objeto que é o texto propriedades da atividade em que toma forma e/ou circula.

⁶ Referência da obra de onde o excerto é retirado: Costa, Maria Velho da (1973). *Ova Ortografia. Desescrita*, Porto: Afrontamento.

Exatid escrever ortado; poupo assim o rabalho a quem me ortá. Orque quem me ortá é pago para me ortar. Também é um alariado. Também ofre o uso de ida. (...) E ais deve ter em conta todos os ofrimentos, esmo e rincipalmente os daque-les ujo rabalho é zelar pela oralidade e ordem ública – os ortadores”.
 Eu acho que culho andado esavinda omigo e com a grei, com tanta iberdade de estilos e emas e xperientalismo e rocadilhos que os ríticos e eitores dizem arroxos e os ortadores, pelo im pelo ão, ortam. A literatura eve ser uma oisa éria e esponsável. Esta é a minha enúncia ública. (Êço desculpa de esitar nalguns ortes, mas é por pouco calhada neste bom modo de scrita asta ao empo e aos odos).

Quadro 2: *Excerto do texto 3: “Ova ortografia”, p. 55 (Gonçalves & Teixeira, 2009: 233)*

Não será difícil, mesmo para quem não conheça o texto original, reconhecer a influência que exerce sobre a materialidade linguística o plano social – neste caso, tanto o contexto social e político da ditadura salazarista como a atividade literária a que se dedica a instância produto

ra. Essa influência manifesta-se, neste caso, no exercício de manipulação ortográfica, que obviamente simboliza os cortes da censura.

4. Para continuar

Outros exemplos serão menos evidentes do que aquele que deliberadamente escolhemos. Seja, por exemplo, este poema de Eugénio de Andrade⁷:

*Com o sol a trepar pelas árvores
 não tardará
 que a manhã corra mais limpa
 e se possa beber.*

A fechar este percurso de diálogos e convergências – que abre mais caminhos do que aqueles que fecha, ou “resolve” – fiquemo-nos com a lição de Coseriu (2007: 29):

« (...) la lengua constituye el punto de partida inexcusable de todo trabajo interpretativo. »

Sendo assim, quem trabalha no quadro do ISD tem entre mãos esta tarefa de dar continuidade à compreensão do funcionamento da língua, nas suas múltiplas, diversificadas e ricas situações de uso. A TFE pode ser um instrumento precioso – num diálogo a prolongar e a aprofundar.

Referências

Bronckart, J.-P. (2004). Le langage comme agir et l'analyse des discours. In J.-P. Bronckart et Groupe LAF (eds). *Agir et discours en situation de travail. Cahier de la Section des Sciences de l'Education* 103, pp. 67-87.

Bronckart, J.-P. (2002) La culture, sémantique du social formatrice de la personne. In F. Rastier, F. & S. Bouquet (dirs). *Une introduction aux sciences de la culture*. Paris: PUF, pp. 175-201.

Bronckart, J.-P. (2001) S'entendre pour agir et agir pour s'entendre. In J.-M. Baudouin & J. Friedrich (eds). *Théories de l'action et de l'éducation*. Bruxelles: De Boeck, pp. 133-154.

⁷ Em *O peso da sombra*, pág. 25.

Bronckart, J.-P. & Bulea Bronckart, E. (2015). Sobre algumas interações no coração da didática das línguas e da formação dos professores. Prefácio. In E. Leurquin, M.A. Coutinho & F. Miranda. *Formação docente : texto, teoria e práticas*. Campinas: Mercado de Letras, pp. 7-23.

Campos, M.H.C. (1996). De Saussure às teorias enunciativas: ruptura ou continuidade? *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas* 9, pp. 49-59.

Quadro 3

Coutinho, M.A. (2016). Texto e representação: alguns comentários. In T. Brocardo (org.) *Cadernos WGT: Representação*. Lisboa: NOVA FCSH, pp. 17-22. URL: <https://clunl.fcsb.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2017/07/M.-A.-Coutinho.pdf>

Culioli, A. (1990). *Pour une Linguistique de l'Énonciation. Opérations et représentations* (Vol. 1). Paris: Ophrys.

Gonçalves, M. & Teixeira, C. (2009). Entre unidades verbais e não verbais: a construção do conteúdo temático e a literatura como actividade de linguagem. *Estudos linguísticos/linguistic studies* 3, Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, pp. 227-239. URL: <https://clunl.fcsb.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/3m-matilde-goncalves.pdf>

Saussure, F. de (2002). *Ecrits de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard

Voloshinov, V. N. (1977). *Le marxisme et la philosophie du langage* (edição original 1929). Paris: Minit.